



## Ciência e Psicanálise<sup>1</sup>

Márcia Marchezan<sup>2</sup>

A arquitetura que sustentou a origem e a edificação da Psicanálise, que aos poucos construiu não somente uma posição diversa à ciência, mas, sobretudo, estabeleceu argumentos que sustentaram o não interesse de incluir-se no *hall* das ciências da época, defendeu a tese de que ambas – ciência e Psicanálise, possuíam escopos completamente diferentes e inflexíveis um do outro (LACAN, 2008 [1964]).

A fundamentação utilizada na defesa dessa tese foi pensada e institucionalizada por Freud que, desde jovem, carregou em seu currículo atividades científicas que se fortaleceram a partir da sua formação tradicional de médico e pesquisador, percurso considerado positivista e cientificista – característico do final do século XIX – e avançaram no Laboratório de Fisiologia da Universidade de Viena, onde se consolidou pesquisador (SISSON; WINOGRAD, 2010).

Até então, com certeza, a intimidade de Freud com pesquisas científicas nunca foi contestada por ninguém e, tampouco, por ele mesmo. Contudo, quando se expôs a pensar sobre como a Psicanálise produzia conhecimento sobre o psiquismo humano, estava, simultaneamente, travando uma discussão sobre os processos concernentes à relação entre ciência e Psicanálise. Discorreu sobre essa questão em diversos trabalhos e em momentos distintos, nos quais se posicionou, firmemente, frente à coerência, pertinência e à legitimidade científicas de sua teoria (SISSON; WINOGRAD, 2012).

O relacionamento entre ciência e Psicanálise se mantinha difícil. Tornou-se ainda mais evidente quando Freud apresentou a primeira grande Revolução promovida pela Psicanálise, a qual ocorreu através da descoberta da motivação inconsciente nas ações humanas e da sexualidade infantil. Por intermédio desses dois eixos, um corte paradigmático é “proposto e lançado mediante questões que, além de serem a base de toda

---

<sup>1</sup> A estrutura desta resenha é baseada na obra “Produção textual na universidade”, das autoras Desirée Motta Roth e Gabriela Hendges, publicada pela editora Parábola, em 2010.

<sup>2</sup> Graduação e especialização em Letras Português pelo Centro Universitário Franciscano e Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora contratada semestralmente para ministrar 3 disciplinas no curso de Letras na modalidade a distância da UNIGRANET e do Pós em Estudos da linguagem da mesma instituição. Professora da Antonio Menghetti Faculdade, ministrando aulas nos cursos de Administração e Direito, e também aluna do Curso de Pós-Graduação Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico na mesma Instituição. Graduanda do curso de Psicologia da FISMA.

a pesquisa psicanalítica, passam a fornecer material e recurso teórico extraídos da escuta clínica” (PRUDENTE; RIBEIRO, 2005, p. 61). Assumida, então, a posição de que se ocupava, essencialmente, da subjetividade humana, a Psicanálise colocou-se em uma situação ainda mais complexa, pois, nesta época, os pesquisadores, ao contrário de Freud, buscavam o rigor científico, um conhecimento objetivo e generalista; jamais dedicariam seus estudos à subjetividade humana.

O sujeito alicerçado pela ciência e guiado pela razão, que ilusoriamente resolve tudo de forma consciente; aquele que não sente tristeza, angústia, dor – aquele que não “sente”, não percebia o sujeito que Freud estava escutando, olhando e, paralelamente, mostrando ao mundo científico racional. “Dessa forma, ainda que a Psicanálise não seja querida no mundo científico, a subjetividade do homem a reclama como possibilidade de ser escutada” (FERRARI, 2002, p. 83).

A novidade da Psicanálise e, ao mesmo tempo o pressuposto fundamental desta nova teoria, “é a noção de clivagem da subjetividade, através da formulação do inconsciente enquanto um sistema psíquico regido por leis próprias, instaurando um afastamento e um decentramento de outro sistema, a consciência” (TOREZAN; AGUIAR, 2011, p. 531). Esse movimento fez com que as críticas às descobertas de Psicanálise aumentassem, sobretudo pelo fato de Freud (1996 [1910]) subverter às crenças e ao poder científico, postulando que o que está, de fato, em jogo é um elemento (uma falta) que simplesmente surge; mas não é comunicado. Afirma que há falhas, lacunas, faltas, fissuras na organização psíquica e, que quando o sujeito “fala”, estas podem ser “vistas”. É o “olhar” que se escuta em Psicanálise – o terceiro elemento – sendo incluído na cena analítica, se, e somente se, ocorrer o processo transferencial. O surgimento de um terceiro elemento ocorre em uma ação de simbolização, cotidiana, e em clínica. Freud, no entanto, fundamenta o postulado da Psicanálise “na falta-a-ser, a qual se encontra no coração da experiência analítica” (VAL; LIMA, 2014, p. 11).

Freud explica o fenômeno do inconsciente a partir de constatações que o fazem crer que é “no sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama atenção primeiro? Ê o modo de tropeço pelo qual eles aparecem” (elementos do inconsciente). “Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente.” (LACAN, 2008 [1964], p. 29).

Está posto que a crítica à ciência da época só poderia ser feita a partir de um novo postulado, que produzisse algo novo, algo que não existia. Essa falta-a-ser da ciência constituiu a origem da Psicanálise, pois, quando Freud sublinha a presença do inconsciente na vida mental nas “Conferências introdutórias sobre Psicanálise” – Parte III, especificamente na conferência XVIII, em que abordou a Fixação em Traumas – o inconsciente, em 1916-1917, conspirou com a maior parte dos maus espíritos da crítica contrária à Psicanálise. Disse que não se surpreendessem com isso, e que não supunham que a resistência contra os que estudam Psicanálise se “baseia tão-somente na compreensível dificuldade que constitui o inconsciente ou na relativa inacessibilidade das experiências que proporcionam provas do mesmo” (FREUD, 1996 [1916-1917], p. 30). Esclareceu, ainda, que essa resistência está situada em algo mais profundo que, na passagem dos séculos, o amor-próprio dos homens, considerado puro, teve que se submeter a dois grandes golpes promovidos pela ciência. O primeiro deles refere-se à afirmação de Copérnico, de que a Terra não era o centro do universo; o segundo, coube aos Senhores Darwin, Wallace e seus predecessores que, por assim dizer, “destituíram o lugar do homem na criação e o deram à descendência do reino animal e sua inextirpável natureza animal”. Mas a “megalomania humana sofreu o terceiro golpe [...] a partir da pesquisa psicológica da época, que procurou provar que o ego não é senhor nem mesmo em sua própria casa, devendo, porém, contentar-se com escassas informações acerca do que acontece inconscientemente” em sua mente (FREUD, 1996 [1916-1917], p. 31).

Na mesma conferência, Freud esclarece que os psicanalistas não são os primeiros a refletir sobre o inconsciente, mas afirma que coube a eles conferir-lhe “expressão mais vigorosa e apoiá-la com material empírico que é encontrado em todas as pessoas” (FREUD, 1996 [1916-1917], p. 31). Em decorrência dessa posição teórica, eis que surge uma revolta geral contra a Psicanálise e, conseqüentemente, contra Freud (1996 [1916-1917]) que testemunha “o desrespeito a todas as considerações de civilidade acadêmica e a oposição se desvencilha de todas as barreiras da lógica imparcial. Em ademais de tudo isso, perturbamos a paz deste mundo também de uma outra forma, conforme em breve os senhores ouvirão” (p. 31).

Freud despertou não somente críticas à jovem Psicanálise, mas também criou um contexto especulativo e hostil em torno de si. Essa situação é narrada por Elizabeth Roudinesco (2011 [1954]), historiadora e psicanalista, na obra “Freud: mas por que tanto ódio?” que retrata, como o próprio título demonstra, a história do ódio em relação a Freud;

diz que este é tão antigo quanto a Psicanálise. Afirma, ainda, que “ninguém toca impunemente no sexo, no segredo da intimidade, nos assuntos de família, na pulsão de morte e na barbárie dos regimes que escravizam mulheres, homossexuais, marginais e anormais sem pagar um preço por isso” (p. 7).

Esse desamor à pessoa de Freud, ou ao analista/pesquisador Freud e à Psicanálise se perpetuou. Parece que o pai da Psicanálise não somente desacomodou crenças e/ou poderes científicos instaurados na época, mas instituiu, no cerne da comunidade científica, um novo sujeito: o do inconsciente. Essa nova configuração de sujeito fez com que a Psicanálise derivasse, estritamente, do método inaugural da ciência moderna e se não permanecesse no campo da ciência, é por operar, neste método, uma subversão radical, “pela qual introduziu, na cena (por isso dita Outra cena, a do inconsciente), precisamente, aquilo que o discurso da ciência, por ser a-semântico, universal e contingente, introduziu mas, no mesmo golpe, expeliu de seu campo operacional: o sujeito (e não o homem)” (ALBERTI, S.; ELIA, 2008, p. 6). Tem-se, assim, uma Psicanálise que opera com o sujeito, o mesmo da ciência, que, no entanto, sobre ele nada opera. Conforme traz Lacan em “Escritos”: “não há ciência do homem, o que nos convém entender no mesmo tom do ‘não existem pequenas economias’. Não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” (1998, p. 873).

Deve ficar claro que, para a Psicanálise, a subjetividade consiste no hiato consciente e inconsciente, e é, fundamentalmente, formada pela sintaxe inconsciente. O sujeito da Psicanálise, estabelecido por Freud por meio da noção do inconsciente, é caracterizado por ser “o sujeito do desejo, marcado e movido pela falta; distinto do ser biológico e do sujeito da consciência filosófica. Esse sujeito se constitui por sua inserção em uma ordem simbólica que o antecede, atravessado pela linguagem” (TOREZAN; AGUIAR, 2011, p. 28), tomado pelo desejo de um Outro e mediado por um terceiro. A legitimidade dos postulados freudianos são reafirmados, por ele mesmo, na conclusão do texto “O futuro de uma ilusão”: “não, nossa ciência não é uma ilusão. Mas seria uma [ilusão] procurar alhures o que ela não nos pode oferecer” (1927/1974, p.71).

## Referências

ALBERTI, S. & ELIA, L. Psicanálise e Ciência: o encontro dos discursos. **Revista Mal-estar e Subjetividade** – Fortaleza – Vol. VIII – Nº 3 – p. 779-802 – setembro de 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n3/10.pdf>>. Acessado em: 22 mar. 2018.

FERRARI, I. F. A Psicanálise no mundo da ciência. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 82-91, jun. 2002. Disponível em: <[http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20041214154248.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154248.pdf)>. Acessado em: 18 mar. 2018.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. [1900]. Obras completas, ESB, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cinco lições da Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos**. [1910 (1909)]. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V. 11. Disponível em <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-11-1910.pdf>>. Acessado em: 17 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. (1917 [1916-1917]). **Conferências introdutórias sobre Psicanálise, parte III, Teoria geral das neuroses: conferência XVIII – fixação em traumas - o inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Disponível em: <<http://www.alemdavisao.com/home/biblioteca/Freud%20%20Obras%20Completas%20-%20Vol.%2016%20-%20Confer%C3%A2ncias%20introdu%C3%B3ri.pdf>>. Acessado em: 18 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão**. [1927]. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.21, p. 13-71.  
LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise** [1964]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Ciência e a Verdade. Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOTTA-ROTH, D. & HENDGES, G. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PRUDENTE, Regina Coeli Aguiar Castelo; RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. **Psicanálise e ciência**. Psicologia, ciência e profissão. Brasília, v. 25, n. 1, p. 58-69, Março de 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932005000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em: 18 mar. 2018.

ROUDINESCO, E. [1954]. **Freud – Mas por que tanto ódio?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 2011.

SISSON, N.; WINOGRAD, M. A Ciência de Freud: introdução ao problema da cientificidade da Psicanálise. **Fractal: Revista de Psicologia**. [S.l.], v. 22, n. 1, p. 67-84, maio de 2010. ISSN 1984-0292. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/Fractal/article/view/221>>. Acessado em: 17 mar. 2018.

SISSON, N. & WINOGRAD, M. Bachelard e Freud: fenomenotécnica e Psicanálise. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, p. 146-162, dezembro de 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S18092672012000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18092672012000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 18 mar. 2018.

TOREZAN, Z. C. F. & AGUIAR, F. O sujeito da Psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista Mal-Estar Subjetividade**. Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15181482011000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15181482011000200004&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 18 mar. 2018.

VAL, A. C. & LIMA, M. A. C. A construção do caso clínico como forma de pesquisa em Psicanálise. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 99-115, Junho de 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S15164982014000100007&lng=en&nrm=iso>>. Acessado em: 18 mar. 2018.